

Barroco Cifrado

O Implícito, o Dissimulado e o Invisível nas Artes da América no Período Colonial

RESUMOS

EL IMPACTO DE LOS PLIEGOS DE TESIS SOBRE EL ARTE COLONIAL DEL SIGLO XVIII

ALMERINDO OJEDA

*(University of California / Davis, Universidad Católica del Perú, Proyecto
para el Estudio de las Fuentes Grabadas del Arte Colonial - PESSCA)*

Los pliegos de tesis (*Thesenblätter*) fueron estampas de gran formato producidas en casas editoriales de Augsburgo (Alemania) durante los dos primeros tercios del siglo XVIII. La función de estas estampas —generalmente grabadas a la mediatinta— fue la de servir de anuncio, programa, y *souvenir* de sustentaciones de tesis en universidades centroeuropeas regentadas por jesuitas. Los pliegos de tesis tenían dos partes: una ilustración de gran formato que ocupaba la parte superior de la estampa, y un texto pequeño, generalmente dividido en tres cartelas, que listaba tanto los detalles de la sustentación como las tesis a sustentar (que eran alrededor de cien). Dada su sorprendente calidad, su gran formato, y el alto valor pictórico de la mediatinta, los pliegos de tesis sirvieron de modelo de muchas pinturas coloniales de los siglos XVIII y XIX. Muy especialmente en Quito, pero también en la Nueva España y en el resto de las colonias ibéricas, tanto de América como de Asia. Curiosamente, el impacto de los pliegos

de tesis sobre el arte colonial pasó completamente desapercibido hasta muy poco. El propósito de esta presentación es contribuir a difundir dicho impacto, presentando más de medio centenar de pinturas coloniales al lado de los pliegos de tesis que les sirvieron de inspiración. En nuestra presentación destacaremos tanto las innegables semejanzas entre modelos y resultados como las importantes diferencias entre ellos. Organizaremos nuestra presentación en términos de las casas editoriales que las produjeron (Klauber, Heiss, Pfeffel, Kilian, Rugendas, y Herz), tratando de identificar a los principales miembros de dichas casas. Concluiremos nuestra exposición con la presentación de materiales de archivo que documentan la presencia de grabados a la mediatinta en fundaciones jesuitas americanas del siglo XVIII.

ARTE Y ARQUITECTURA AFROJESUITA: UNA NUEVA FORMA DE CONSIDERAR EL PATRIMONIO CULTURAL DE LA COMPAÑÍA DE JESÚS

CARLOS PAGE

*(CONICET, Universidad Nacional de
Córdoba, Argentina)*

El espacio afrojesuítico involucra dos culturas disímiles, donde no hubo una paridad de aportes, sino que una sometió a la otra, una subordinación que no obstante permitió que fluyeran huellas a veces imperceptibles del sector excluido de una imposible integración. Son visibles desde nuestra perspectiva de reconocimiento testimonial, en complejos arquitectónicos donde se vivía y trabajaba compulsivamente, reproduciendo modelos extraños a su cultura, para fortalecer la fe mediante argumentos de belleza que les eran desconocidos. Los edificios erigidos por los trabajadores esclavizados fueron ayer sus espacios de vida y hoy meros testimonios de su presencia pasada, lo importante, lo que nos trasciende, lo que nos humaniza.

DO TESO MARAJOARA AO SAMBÓDROMO: AGÊNCIA E RESISTÊNCIA DE OBJETOS ARQUEOLÓGICOS DA AMAZÔNIA

CRISTIANA BARRETO

(Museu Paraense Emilio Goeldi - MPEG/MAE-USP)

Esta apresentação revisita a história de vida de alguns objetos arqueológicos da Amazônia para além de seus contextos originais e, partindo de uma análise de seus atributos agentivos, introduz o conceito de objeto resistente. Um mergulho na agência de objetos e imagens marajoaras procura entender quais são os atributos materiais e visuais que os tornam passíveis de ressignificação através dos tempos e culturas em variadas narrativas de construção de identidades. Dentre aquilo que distinguimos como “tecnologias de encantamento”, destacamos a complexidade da organização de campos decorativos e motivos gráficos, assim como maneiras particulares de representar seres e seus corpos, tecnologias estas reaproveitadas e readaptadas em contextos ocidentais históricos e contemporâneos. Argumentamos que este exercício é necessário enquanto prática arqueológica, para melhor nos instrumentalizarmos no entendimento de onde reside a agência e resistência de certos artefatos arqueológicos e para devolver o protagonismo às artes indígenas antigas que foram e continuam sendo reapropriadas ao longo do tempo, tanto em narrativas colonialistas como de resistência.

IL CANTIERE DI CARTA: IL “PERSPECTIVA PICTORUM ET ARCHITECTORUM” OLTRE I CONFINI DELL’EUROPA

ELISABETTA CORSI

(Università La Sapienza, Roma)

La fortuna della *Perspectiva pictorum et architectorum* di Andrea Pozzo, S.I., è attestata non solo dalle molte edizioni romane che si susseguono a partire dal Giubileo del 1700 ma, ulteriormente, dalle traduzioni nelle principali lingue europee. La prospettiva lineare è un efficace espediente attraverso il quale postulare l’universalismo che è alla base del carisma missionario della Compagnia di Gesù. Lo dimostra l’ampia diffusione del *quadraturismo* e dell’illusionismo prospettico nelle decorazioni dei soffitti delle chiese dell’assistenza portoghese. Erede di Pozzo è in un certo senso Ignacio de Vieira, S.I., attivo presso il Collegio di Santo Antão a Lisbona, luogo preminente per l’educazione dei giovani gesuiti destinati all’Asia orientale. Nella *aula de esfera* del collegio si impartiscono, tra l’altro, lezioni di prospettiva. Siccome esse sono impartite nell’ambito dell’insegnamento delle “matematiche miste” che a San Antão è disgiunto dal corso di filosofia, ciò consente ai discenti di raggiungere un livello di specializzazione superiore rispetto a quello raggiunto dagli allievi degli altri collegi gesuitici. Queste considerazioni sono importanti per conoscere la qualità delle nozioni matematiche, ottiche e prospettiche trasmesse in Cina dai missionari gesuiti dall’arrivo di Matteo Ricci nel 1583 alla soppressione della Compagnia nel 1773. Ciò perché, come è noto, i missionari gesuiti agiscono sotto gli auspici del patronato portoghese e quindi devono imbarcarsi per l’Asia su vascelli che salpano da Lisbona alla volta di Goa per poi raggiungere Macao e infine la Cina. In attesa della stagione propizia per intraprendere il viaggio, ne approfittano per completare la loro formazione presso i collegi gesuitici di Coimbra ed Évora. La particolarità della situazione lusitana, ove l’insegnamento teorico possiede chiari connotati tecnico-applicativi, agisce dunque in modo diretto nel plasmare il profilo scientifico di Ricci, Adam Schall von Bell e Giuseppe Castiglione, tra gli altri. In questo contesto si situa la nostra analisi della diffusione del trattato di prospettiva di Andrea Pozzo, un trattato che, secondo i propositi dell’autore, rifuggiva dalla teoria

dell'ottica prospettica per concentrarsi sulla pratica di cantiere, insegnando a realizzare ampi spazi prospettici anche senza essere troppo versati nella teoria ma solo attraverso il ricorso ai così detti "fili". L'estrema versatilità e relativa semplicità espositiva del discorso pozziano fanno del *Perspectiva pictorum* un vero e proprio "cantiere di carta", un laboratorio per sé, fonte inesauribile di ispirazione al quale gli architetti-ingegneri e i pittori attingono continuamente, non solo in Cina ma in tutto il mondo coloniale extra-europeo. Nel corso della relazione ci soffermeremo sulla figura di uno di questi, sinora quasi del tutto sconosciuto: Ferdinando Bonaventura Moggi (1684-1761), incisore e architetto-ingegnere, uno dei principali artefici della diffusione del trattato di Pozzo in Cina.

GENTE-ADORNO: ESTÉTICAS AGENTIVAS E ONTOLOGIAS RELACIONAIS NO UNIVERSO AMERÍNDIO

ELS LAGROU

(Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)

No Museu do quai Branly, em Paris, guarda-se um artefato histórico, registro do encontro entre os primeiros viajantes e os Tupinambá que habitavam as costas brasileiras: um manto tupinambá, feito com as penas do íbis vermelho, com um capucho em cuja extremidade se encontra uma faixa de contas de vidro brancas e azuis. Todos os ingredientes do manto, inclusive o fio de fibra com o qual as contas foram costuradas na borda do capucho, foram datadas com rádio carbono como sendo da primeira metade do século XVI. O manto se torna assim um testemunho do fascínio mútuo de ameríndios e europeus pelos enfeites uns dos outros. Os registros indicam que durante o século XVI seiscentos mantos saíram das costas brasileiras para a Europa. Destes somente 7 sobrevivem até hoje. O manto do quai Branly é o único com capucho e contas. O gosto dos povos ameríndios pelas contas de vidro foi registrado desde Cristóvão Colombo quando descobriu as Américas, passando por Jean de Léry que, em 1555, descreve as mulheres Tupinambá como fissuradas pelas contas de vidro trazidas pelos Franceses, aos dias de hoje em que presenciamos entre muitas etnias uma verdadeira miçanguização dos adornos, levando simultaneamente a uma atualização e expressiva inovação estéticas. Na visão dos Europeus, os Ameríndios andavam nus. A maioria das populações nativas destas terras, no entanto, se considera, antes, como 'gente-adorno'. A importância do adorno na fabricação ou no surgimento dos diferentes coletivos étnicos é atestada em grande número de mitos: cada etnia se reconhece pelos adornos que usa. E estes adornos os distinguem tanto de outras etnias quanto de outros seres como os animais, que, do seu próprio ponto de vista, possuem seus próprios adornos. No tempo mítico ameríndio, todos os seres partilhavam uma condição humana e formas físicas indefinidas ou fluidas. Este tempo de instabilidade dos corpos chegou ao fim quando a diferença entre os corpos se tornou fixa. Entre os povos Tukano, por exemplo, os humanos se diferenciaram dos peixes ao colocarem seus enfeites e cocares de penas e

saírem do rio para viverem na terra. Os Mbya Guarani se autodenominam 'jeguakava': os belamente adornados, a exemplo de Ñanderu, o ancestral, que engendrou seu próprio corpo como adorno. Poderíamos multiplicar os exemplos. Vemos assim que o fascínio pelas contas do além-mar vai além de um gosto pelo exótico como se este fosse autoexplicativo. O que temos que entender é o que significava para os Ameríndios essa abertura para o outro e para as contas que trazia para trocar. Leituras diferentes do poder patogênico ou curativo destas contas podem ser encontradas nas diversas mitologias de origem da miçanga e de sua relação com a chegada dos brancos. Se o mito fundador da nossa tradição judaico-cristã nos oferece o homem nu, a vergonha e a necessidade de se cobrir, os mitos fundadores ameríndios nos oferecem diferentes coletivos de gente-adorno conectados entre si através dos seus enfeites.

UM MUNDO NÃO É SUFICIENTE: CONECTANDO CULTOS E CULTURAS VISUAIS EM TODO O IMPÉRIO ESPANHOL GLOBAL

FERNANDO LOFFREDO

(University of Colorado)

Como é declarado no elenco de medalhas em 1580, na opinião de Filipe II, um mundo não era suficiente. Em 1580, Filipe II herdou o Império de Portugal e todos os seus domínios através dos oceanos. Depois de derrotar o Império Otomano em Lepanto, Filipe II tinha solidamente em suas mãos um dos mais vastos impérios de todos os tempos. Este artigo pretende explorar as interconexões entre cultos e culturas visuais de diferentes territórios em todo o Império Espanhol global, da Sicília ao México, das Filipinas à Flandres. Essas regiões são frequentemente consideradas “periferias” e, de certa forma, essa pesquisa é uma tentativa de colocar em questão a noção de “centro” para construir uma nova história da arte horizontal do mundo espanhol. Ao estabelecer novos diálogos entre vice-reinados e situá-los na mesma narrativa visual, é possível visualizar uma geografia mais complexa da cultura visual moderna. As histórias que serão entrelaçadas neste artigo representam pontos de contato. Em suas publicações inovadoras, como “Artes da Zona de Contato” (Profession, 1991) e “Olhos Imperiais” (1992), Mary Louise Pratt examina a cultura literária e visual da “zona de contato” nas Américas. E se analisarmos a própria obra de arte como uma zona de contato? Os exemplos que serão explorados e discutidos aqui nos convidam a refletir sobre as imagens como zonas de contato em toda a rede global do império espanhol.

FABRICANDO EL CUERPO CRISTIANO. ESCRITURA, SENSORIALIDAD Y MEMÓRIA EN LAS FRONTERAS IBÉRICAS DE AMÉRICA LATINA

GUILLERME WILDE

(CONICET, Universidad de San Martín, Buenos Aires)

Una de las orientaciones fundamentales encaradas en los espacios de misión de América Latina Colonial consistió en erradicar las concepciones de la subjetividad que sostenían las visiones de mundo indígena. Intimamente vinculadas a nociones de la corporalidad, dichas concepciones fueron objeto de furiosos ataques por parte de los misioneros en las etapas iniciales de acción misional. La introducción de la escritura y la imagen, y más ampliamente, la movilización del aparato sensorial de representación cristiana fueron instrumentos fundamentales destinados a generar nuevos modelos de subjetividad y corporalidad, asociados a la figura de los santos, la virgen y Jesucristo, que acabaron por imponerse en dichos ámbitos. La figura de los líderes nativos tradicionales fue rápidamente desplazada no solo como herética sino ante todo como “ineficaz” en el combate con los misioneros. Esta presentación explora las fases de ese proceso de transformación en las misiones jesuíticas de las fronteras de América del Sur.

TRANSCULTURACIÓN DEL LEGADO (INVISIBLE) HISPANOMUSULMÁN EN LA FIESTA DEL BRASIL COLONIAL: JOGAR CANAS Y OTROS DIVERTIMENTOS ARISTOCRÁTICOS

IVÁN REGA CASTRO

(Universidade de León, Espanha)

En el discurso sobre la “alteridad” en la fiesta pública del Brasil de la época moderna, la historiografía se ha venido ocupando intensamente de las transferencias entre las culturas afroamericanas o indígenas con la lusoamericana. No obstante, se han desatendido otros ejemplos de transculturación que fueron resultado de las relaciones interculturales dentro de la propia península ibérica, como es el caso de la pervivencia del legado hispanomusulmán en algunas facetas de la fiesta. El juego de cañas o *jogo de canas* es un buen ejemplo de transculturación en el espacio atlántico, dado que se trata de juego militar de origen andalusí muy practicado en la península ibérica en las fiestas cortesanas de la época moderna (S. XVI-XVII). Consistía en un espectáculo eminentemente aristocrático en el que jinetes ataviados a la “morisca” se lanzaban cañas mientras realizan complejas maniobras altamente coreografiadas. No solo en Portugal sino también en Brasil estuvo muy extendida su práctica hasta bien entrado el siglo XVIII. Este tipo de divertimentos festivos se documentan ya en el Brasil colonial a finales del siglo XVI y, entre las fuentes principales, se acostumbra a citar el padre jesuita Fernão Cardim. En su “Narrativa epistolar” (1583-1585 c.), refiere, en Pernambuco, el juego de cañas, *touradas* y otros divertimentos, realizados con motivo de las bodas de “*uma moça honrada com um vianês, que são os principais da terra*”. No obstante, de la lectura del texto no se puede inferir el uso del traje “a la morisca”. Como han defendido recientemente algunos autores (Irigoyen-García, Franco Llopis), este tipo de juegos aristocráticos estaban estrechamente vinculados a los discursos sobre la nobleza y la distinción de clase que afectaron por igual a la sociedad lusófona europea y a la americana. El uso de la indumentaria morisca ibérica en los juegos de cañas, como parte de la etiqueta cortesana, o el hecho de que sea un ejercicio reservado a la alta nobleza, son solo la punta del iceberg de un fenómeno cultural mucho más amplio, que, en el caso

de las transferencias culturales dentro del imperio portugués, no puede ser limitado a una mirada unidireccional. A través de una visión de larga duración, se trata de rastrear los niveles de circularidad cultural en el mundo atlántico que vehicularon la información entre las élites o las distintas capas de la nobleza, hasta alcanzar las capas populares, en el espacio “común” de la fiesta, para acercarse, así, al sentido de *jogar canas* o a una correcta atribución de significados de este y otros divertimentos aristocráticos — *escaramuças, alcancías, cabeças*, etc.— frecuentemente mencionados en las relaciones festivas en el Brasil colonial hasta mediados del siglo XVIII.

A PEREGRINAÇÃO DO MANUSCRITO “IN STUDIOLOS ADOLESCENTES ORATIO PARAENETICA” ELABORADO EM 1751 POR ALUNOS E DOCENTES DO SEMINÁRIO JESUÍTA DE BELÉM DA CACHOEIRA (BAHIA)

MARINA MASSIMI

(IEA-USP)

A comunicação relata o achado numa Biblioteca de Urbana (Itália) de manuscrito elaborado em 1751 no Brasil nos Colégios jesuítas de Cachoeira de Belém e Salvador, coletânea de exercícios escolares; e os resultados da pesquisa acerca dele por nós realizada. Os títulos dos ensaios que compõem *In Studiosos Adolescentes Oratio Paraenetica* sugerem que esses foram escritos em dois diferentes locais: o Liceu da Bahia na cidade de Salvador e o Colégio de Belém em Cachoeira do Campo, no Recôncavo Baiano. O documento é de grande originalidade e pertence ao patrimônio histórico do Brasil, tendo sido produzido na Bahia, embora preservado numa Biblioteca italiana. Sua história ilustra as vicissitudes da expulsão e extinção da Companhia de Jesus; e a produção pedagógica ocorrida no âmbito de instituições educacionais da Bahia, um pouco antes da expulsão da Companhia e desinstalação dos colégios. Reconstituiremos a história dos dois colégios em que foram produzidos os trabalhos que compõem o manuscrito e apontaremos que documenta os resultados didáticos obtidos pelo método pedagógico praticado nas instituições escolares da Companhia de Jesus e codificado pela *Ratio studiorum*, plano de estudos que devia ser rigorosamente aplicado nos Colégios da Companhia, nas mais diversas partes do mundo, dentre elas o Brasil. Relataremos os fatos históricos que levaram à expulsão da Companhia de Jesus das terras do Brasil, sobretudo no que diz respeito aos eventos mais importantes que se constituíram nas premissas para os fechamentos dos Colégios de Salvador e de Cachoeira do Campo. Acompanharemos o trajeto e a chegada em Europa dos expulsos: ao todo, os jesuítas provenientes de Portugal, Brasil e de mais territórios ultramarinos que chegaram a Civitavecchia entre 1759 e 1767 foram 1092, mas um bom número deles morreu nos primeiros meses e anos do exílio. Buscaremos desvendar o trajeto da circulação do manuscrito do Brasil para a Itália, e os possíveis portadores do mesmo. O nome dos

alunos do seminário de Belém citados no manuscrito *In studiosos adolescentes*, João da Silva Leão e João Gonçalves das Claves, não constam das listas dos nomes dos jesuítas expulsos do Brasil; mas consta o nome do destinatário dos poemas compilados no mesmo manuscrito e possível autor do ensaio introdutório do mesmo, Padre Provincial Simão Marques, que foi deportado para a Itália, juntamente com o conjunto dos jesuítas residentes na região da Bahia e demais regiões do Brasil. Uma segunda hipótese diz respeito a Francisco de Almeida, que vimos ser nativo de Cachoeira do Campo e professor de Retórica do Colégio de Salvador, falecido em Roma aos 13 de novembro de 1761. Em Roma, Marques, ou Almeida poderiam ter entregue o manuscrito ao jesuíta português Manoel Ribeiro que consta entre os jesuítas enviados em Urbânia desde 1768. A terceira pista possível diz respeito a Felix Xavier, que foi reitor do Colégio de Cachoeira de Belém em 1752, deportado para a Itália e residente no Palazzo Sorano em Roma. Os registros dos jesuítas presentes na cidade de Urbânia citam o mesmo nome, de modo que poderia ter sido ele o portador do manuscrito de Cachoeira para Roma e depois para Urbânia. De toda forma, o manuscrito chegou no Palácio dos Duques della Rovere de Urbânia, onde encontraram abrigo os jesuítas exilados e deslocados de Roma para outras regiões do Estado Pontifício. Mais recentemente, esse Palácio tornou-se a sede da Biblioteca Municipal, onde o manuscrito está guardado até hoje. O ‘milagre’ do manuscrito é o de ter chegado em perfeitas condições no local de destino, apesar das travessias da expulsão, da deportação e da diáspora dos jesuítas.

DA ÁFRICA E DO AFRO-BRASIL: UM ESTUPENDO ARTÍSTICO DEFLAGRADO

MARTA HELOÍSA LEUBA SALUM

(MAE USP) e

RENATO ARAÚJO

(pesquisador e curador de arte africana)

Ao longo do processo de exploração dos humanos da África e da recriação do "afro" no Brasil, as formas materiais, tecnológicas e estéticas elaboradas por africanos e seus descendentes criaram na América Latina uma atmosfera que foi identificada à deformação plástica diante da ideologia do imperialismo colonial. Se de um lado, o barroco brasileiro, ainda que inconsciente de si, expressava-se por meio das suas dobras num "mesticismo" nacional, tal como denominado posteriormente, de outro lado, um estupendo artístico foi deflagrado a partir da exaltação precoce do "primitivismo"; noção que se desdobrou no tom "carnavalesco" do carro alegórico de opulência barroca - se lá houve "distorção" plástica, então, esta fora bem genuína!

MAESTROS CANTEROS EN LA DEFINICIÓN DEL BARROCO AREQUIPEÑO

RAMÓN GUTIÉRREZ

*(Centro de Documentación de Arquitectura
Latino Americana, CEDODAL, Buenos Aires)*

La valoración de la arquitectura arequipeña de fines del siglo XVII y XVIII ha recibido aproximaciones nominativas muy diferenciadas que han buscado integrarlas a diversos momentos de la arquitectura occidental. En ello han primado los intentos, generalmente forzados, de encuadrar en los grandes lineamientos a las obras, sobre todo las religiosas con los momentos culminantes del renacimiento (predominantemente plateresco), efímeras manifestaciones manieristas y algunos han apuntado a un encuadre barroco. Todos estos intentos adolecen de unos desajustes cronológicos que nacen de la opción de tomar referencias temporales externas a la dura realidad de arquitecturas como las de Arequipa que atienden a sus propias circunstancias y donde los sismos continuos marcan su propia huella. De aquí deriva una secuencia, peculiarmente europea, de señalar un presunto carácter anacrónico a esta arquitectura. A ello se adicionaba la convicción de una tutoría inexorable, como si nuestros tiempos americanos no fueran más que una prolongación tardía de lo que se pergeñaba en las usinas del pensamiento europeo. Las circunstancias de una arquitectura fuertemente condicionada por el paisaje, las circunstancias de los terremotos, la disponibilidad de determinados materiales, el dominio de tecnologías y de búsquedas e iniciativas propias, generaría respuestas que merecen otra forma de reflexión. Es preciso que evitemos un tipo de análisis que continúa desagregando la arquitectura en unos sistemas de partes compuestas. La arquitectura debe atenderse como una expresión integradora y no meramente una sumatoria de partes. Las portadas, la ornamentación desplegada, los elementos decorativos y otras manifestaciones materiales miradas autónomamente no nos posibilitan nominaciones comprensivas de un encuadre estilístico. Hace tiempo que el análisis arquitectónico exige una lectura del contexto, del programa de la obra de arquitectura, de sus propuestas funcionales y espaciales, de las formas de apropiación y vivencias de los usuarios. Es aquí donde aquellas rigideces modélicas trasplantadas

juegan un papel determinado en el conjunto de unas lecturas más complejas. Hemos dedicado demasiado tiempo a discutir los términos calificativos como el caso de la llamada “arquitectura mestiza” poniendo acentos alternativos en lo biológico, en lo artístico o en lo cultural, cuando el debate debía centrarse en la conceptualización de las características del hecho que deseábamos nominar. Los canteros de Arequipa nos ayudarán en esta etapa a dilucidar nuevos caminos para comprender una manera más adecuada de valorar esta arquitectura. La arquitectura arequipeña será más comprensible desde esta perspectiva.

TEXTOS FIGURADOS: ORNAMENTACIÓN Y MITOS ANDINOS EN EL SUR DEL PERÚ

RICARDO GONZÁLEZ

(Universidad de Buenos Aires - UBA, Instituto de Teoría e Historia del Arte Julio E. Payró)

Las misiones de los jesuitas entre los pueblos de América y de Oriente plantearon la cuestión de la universalización del mensaje evangélico en culturas muy diversas. Paradójicamente, la solución hallada por la Compañía de Jesús para enfrentar este complejo panorama no pasó tanto por la estandarización de ese mensaje como por, contrariamente, su fragmentación en razón de la adaptabilidad a los contextos particulares. Este procedimiento, que tiene incluso un nombre específico, la *accomodatio*, como la llamó Roberto di Nóbili, jesuita activo en la India, permitió la asimilación o la refundición de diferentes repertorios en el marco de la práctica religiosa cristiana, y por lo tanto la incorporación de cierto grado de sincretismo en la tarea misional. Esta concepción nace desde el inicio mismo de las campañas de la orden por el mundo, como parte de las expediciones portuguesas y españolas a Oriente y América en el último tercio del siglo XVI. Nuestra presentación se centrará en el caso del Virreinato del Perú, donde los ignacianos desarrollaron las primeras experiencias misionales en territorios pertenecientes a la corona española y donde pusieron en marcha, especialmente en la decoración arquitectónica de los templos producida a partir de la segunda mitad del siglo XVII, un vasto programa iconográfico que recoge numerosas especies animales y vegetales, ligadas a la vida práctica y al universo simbólico y mítico andino. Esta iconografía americana constituía una especie de traducción a términos andinos de los programas ornamentales tradicionales europeos (flores, pájaros, plantas, frutos, monos y felinos) y resultaba así claramente "legible" para los indígenas, que tenían a la vista un discurso cuyos términos les resultaban no solo conocidos y familiares, sino significativos en diversas dimensiones de la vida práctica y de la cultura. Eran, en realidad, textos velados, a través de los cuales podía reconstruirse la memoria simbólica americana recontextualizada en unos ámbitos cristianos. El objeto del trabajo es analizar

las connotaciones o los alcances míticos de estos "textos visuales" en los que las imágenes ornamentales podían ser traducidas como signos que la cultura andina permitía decodificar y en tanto tales, propiciar un cierto ecumenismo en el que la doctrina cristiana se refundía en la subjetividad indígena con las tradiciones y la religiosidad propias, generando una especie de "animismo cristiano". Finalmente, se considerarán aspectos relativos a la concepción jesuítica de la imagen, que facilitaron el empleo de estos signos americanos, particularmente las teorías sobre los jeroglíficos desarrolladas por varios intelectuales de la orden, siendo el más prominente entre ellos el alemán Athanasius Kircher.